

Curadoria de Rejane Cintrão

#20202021 reúne cerca de 40 obras realizadas durante os dois últimos anos, em sua maioria, e reflete o espírito da época em que vivemos. O objetivo é mostrar a produção e o pensamento artístico durante o período em que o mundo nos apresenta uma nova realidade.

Temas recorrentes na história da arte como a paisagem, arte urbana e a referência à própria história da arte, a exemplo da arte povera italiana, são expressos por meio de pinturas, esculturas e diferentes processos de registros e ampliações fotográficas, além de questões relacionadas à pandemia e à privação da vida social, que têm levado a mudanças drásticas na maneira de viver. Enquanto alguns artistas encontraram muita dificuldade em se adaptar aos novos paradigmas do cotidiano citadino, outros veem uma oportunidade para reflexão e dedicação ao fazer artístico.

O caos em que vivemos também pode ser visto como um momento de vácuo, de meditação, e de renovação, como lembra a artista brasileira de origem japonesa, Claudia Kiatake, cujo trabalho encontra-se na ao lado direito da sala de exposição. O MA, palavra japonesa utilizada para definir o momento, ou intervalo entre duas ações ou eventos, uma espécie de vazio espacial, pode ser aplicado ao que vivemos nos últimos 14 meses.

A arte é transformadora e, entre os artistas, encontramos histórias de superação, de retomada, de reencontro com si mesmos, sempre refletidas em suas produções.

Desde Otavio Fabro, também conhecido como OTA, - pichador na adolescência, arriscando sua vida para expressar seu pensamento, e que hoje tem uma tese de mestrado sobre arte urbana, atuando como educador -, que tem seu trabalho como artista apresentado em instituições

renomadas no Brasil, àqueles que se dedicaram à educação como profissão, e tiveram que se dividir entre sua vida profissional e sua produção artística, à exemplo de Lucia Rosa, viram, neste momento de isolamento e reflexão, a oportunidade de se dedicarem à suas pesquisas, ampliando sua produção artística ainda mais.

Outros, que se dedicam à pintura há tempos, mas que também dividem seu tempo entre vida profissional, família e produção artística, como Vera Toledo e Kika Golsdtein, conseguiram se dedicar à novas faturas, encontrando nas cores do dia a dia o motivo para pensarem as questões pictóricas e se dedicarem a seus estudos de cor.

Importante ressaltar que, embora esta curadoria tenha partido de uma lista pré-estabelecida pela Casa Tato, por meio de um amplo projeto envolvendo encontros virtuais entre artistas e curadores, os diálogos e as proximidades formais entre os trabalhos são muitos, enriquecendo a experiência do espectador.

A distribuição das obras no espaço foi pensada a partir de três núcleos: o primeiro deles, que trata da questão do padrão, utilizados em símbolos e para comunicação, seja por meio de letras, línguas, ou expressões sociais, unido ao uso de processos digitais mesclados com meios tradicionais da arte como o carimbo e a pintura, é composto por trabalhos de dois artistas: enquanto Cristina Suzuki, que já realizou diversas intervenções públicas, apresenta uma instalação site specific, onde, a partir de uma única figura, criada digitalmente e transformada em carimbo, é repetidamente impressa sobre a parede ou outros suportes, formando belos padrões que nos remetem à arabescos, Pedro Hórak, que pesquisa fontes de letras, signos e marcas corporativas, apresenta pinturas realizadas a partir de signos e símbolos pesquisados na internet, convidado o olhar do espectador a buscar imagens em meio a uma série de figuras abstratas.

Subindo a escada que dá para a grande sala expositiva, vemos, à esquerda, diversos artistas, entre

fotógrafos e pintores, cujos trabalhos nos remetem à paisagem, quer seja de natureza, quer arquitetônica. As obras que iniciam esta série são duas fotografias de interior em época de pandemia, de autoria de Sandra Gonçalves. Espaços vazios, onde só existe a lembrança da presença humana refletem o momento sombrio em que vivemos. Ao lado, as fotografias enigmáticas de Rose Aguiar, realizadas em meio a seu cotidiano, criam um diálogo entre as obras matéricas, localizadas do outro lado da sala, e as paisagens sombrias e mágicas de Andrea Bracher, inspiradas nos contos de fada e na fotografia britânica do século XIX, e as alegres pinturas de Vera Toledo, paisagens do interior paulista, que se encontra representada, também, com além de uma natureza morta que, na verdade, se trata de uma paisagem encapsulada em uma linda jarra. De autoria da ceramista Yolanda Bessa, a peça foi fotografada por sua filha Carlota, e, a partir da foto, surgiu a pintura de Vera Toledo. Por fim, as pinturas abstratas de Kika Goldstein, territórios de cor que nos remetem às vistas aéreas de plantações, ou mesmo aos mapas que delimitam espaços, culturas e religiões, são campos de cor onde, a fatura da pintura é o tema principal.

Voltando, pela mesma sala, temos a outra parede, onde se encontram os trabalhos que tratam das questões matéricas, alguns deles de clara referência aos artistas da arte povera dos anos 60, assim intitulada pelo curador e crítico italiano Germano Celant. Enquanto Marcos Pereira de Almeida se inspira em signos de comunicação urbana e na matéria utilizada na construção de vias automotivas, a exemplo de Otávio Fabro, artista, educador e grafiteiro, que vive a dura realidade das ruas de grandes cidades como São Paulo, Fabio Benetti trabalha com a matéria pura, pigmentos extraídos de minerais, aliados a uma certa alquimia ligada ao calor natural ou provocado, fazendo com que suas pinturas tenham como referência artistas dos anos 60/70, a exemplo do italiano Alberto Burri.

As pinturas figurativas de Lucia Rosa, de forte traço gestual, e que retratam suas origens, também são fruto de

sua profunda pesquisa em diferentes materiais, tendo o desenho como meio de expressão principal, quer seja para a pintura, a escultura, ou mesmo as instalações.

Por fim, os trabalhos de Claudia Kiataki, artista que, a partir de constelações familiares, decidiu pesquisar seus ancestrais orientais e descobriu uma forma de se expressar por meio de antigas técnicas com o Sumi-ê e o Somo.

Histórias de superação, descobertas e muita dedicação estão por trás destes trabalhos. Mas, o que importa, na verdade, são os trabalhos. Observem, desfrutem, perguntem a si mesmos e descubram. Essa é a verdadeira função da arte, que só acontece quando o espectador se relaciona com ela.

Obs: A exposição acontece em um espaço alternativo e efêmero, à exemplo do que ocorria na cidade de São Paulo no início do século XX, quando exposições históricas como as de Lasar Segall (1913) e Anita Malfatti (1914) foram apresentadas em salas alugadas, tema da dissertação de mestrado da curadora e do livro de sua autoria.